



crónica
Aristides Neiva

Uma girafa no presépio

A notícia passou discreta, o que é pena. No mês de setembro foi divulgada a descoberta de que as girafas, que sempre foram consideradas mudas, incapazes de emitir qualquer som, afinal 'falam'. Uma equipa de cientistas da Universidade de Viena, depois de oito anos de investigação (sim, há quem se dedique oito anos a investigar o paleio das girafas...), concluiu que estes quadrúpedes também comunicam entre si através de sons. Com uma particularidade, porém: só 'falam' à noite. Não é que, depois do pôr-do-sol, a aldeia das girafas vire uma algazarra que Deus me acuda. É

antes um sussurrar, de quem não precisa de levantar a voz para se fazer compreender. A descoberta de que animais, que se julgavam sempre calados, afinal dizem qualquer coisa, não é tão grande como a de que animais que estão sempre a falar, afinal não dizem nada. Este, sim, seria um desafio a sério para os cientistas de Viena: como se explica que pouco digam os que nunca se calam? Quem já passou oito anos a escutar girafas enganadoramente mudas bem podia passar outros tantos a estudar espécimes enganadoramente falantes.

E o que dizem as girafas à noite? A investigação ainda não chegou lá, mas eu já. Criaturas que só falam à noite, à luz da lua, está-se mesmo a ver que falam de amor. Animais assim altos, sempre de cabeça erguida, a olharem longe, é claro que falam do futuro. Vá lá, às vezes também falam do tempo e da dor de pescoço. Está bem de ver que o presépio é um lugar adequado para uma girafa. Faz melhor figura que burros, vacas ou camelos. Animal digno de estar ao lado da Sagrada Família na noite de Natal é a girafa. Alguém que, à luz duma estrela e na companhia de Deus-menino, sussurra palavras de amor e futuro.

50 anos de aventura monástica e ecuménica



Guido Dotti

Monge de Bose
www.monasterodibose.it/pt

BOSE é uma comunidade de homens e mulheres provenientes de diversas igrejas cristãs (católicos, ortodoxos e protestantes), unidos na fraternidade, no celibato e na obediência ao Evangelho. A história começou a 8 de Dezembro de 1965. No mesmo dia em que o Papa Paulo VI encerrou o Concílio Vaticano II, o jovem de vinte e dois anos chamado Enzo Bianchi retirou-se para viver numa pequena casa sem luz e sem água corrente, no lugar de Bose, aldeia de Magnano, perto de Turim. Enzo era um dos estudantes mais brilhantes da Faculdade de Economia, um líder nato da Juventude Católica Universitária, com um futuro promissor

na política, na Democracia Cristã. Porém, ele e um grupo de amigos católicos, valdenses e baptistas, depois de anos de oração e reflexão, alimentavam outro projecto: fazer uma experiência radical de vida cristã na simplicidade e na fraternidade do monaquismo. Durante quase três anos, Bianchi visitou mosteiros ocidentais e orientais e estabeleceu uma profunda amizade com fr. Roger Schutz, prior de Taizé. Mas, sobretudo, viveu "retirado" em Bose que, na época, não constava no mapa... No início, as suas ideias suscitaram críticas e, em 1967, o bispo local chegou mesmo a proibir qualquer celebração litúrgica em Bose, por causa da presença de não-católicos. Então, uma das figuras mais importantes do episcopado italiano, o cardeal Michele Pellegrino, arcebispo de Turim, anulou a proibição, toman-

do a iniciativa de visitar Bose em Junho de 1968 e celebrando ele mesmo a Eucaristia. Nesse mesmo ano chegaram a Bose os primeiros irmãos e nasce propriamente a comunidade: chegaram quatro, dos quais dois eram católicos e dois protestantes, dois italianos e dois estrangeiros, dois homens e duas mulheres. Esta feliz mistura de nacionalidades, géneros e tradições constituiu o núcleo daquilo que virá a ser Bose: um lugar reconhecido de diálogo e de fraternidade, uma ponte entre o Oriente e o Ocidente cristãos, um centro de estudo e reflexão sobre a fé no terceiro milénio. A arquitectura da igreja exprime essa vontade de acolhimento: um espaço "inclusivo", com uma grande sobriedade que evita símbolos ou imagens que possam



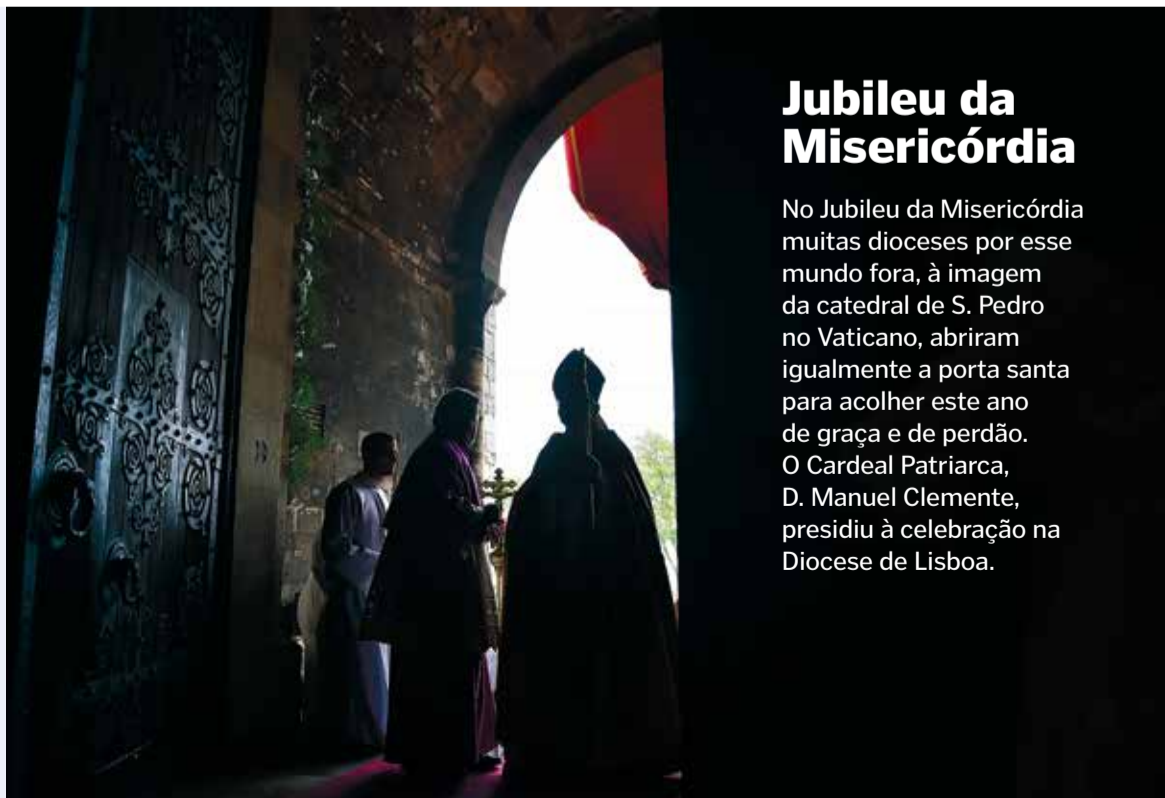
os quais um grande número de scouts e jovens das paróquias), ritmado pela lectio divina e a oração dos salmos. A comunidade tem recebido

do o dom imerecido da visita fraterna e da amizade de personalidades de diversas igrejas como os cardeais Martini, Kasper, Ravasi, o abbé Pierre, o patriarca de Constantinopla Bartolomeu, o patriarca de Antioquia Inácio IV, o patriarca copto de Alexandria Tawadros II, o primaz de Cantuária Rowan Williams e figuras da cultura como o músico Arvo Pärt. A comunidade organiza também congressos ecuménicos de espiritualidade ortodoxa e protestante, conferências e retiros. Mas, sobretudo, tenta "viver o ecumenismo como um trabalho de cada dia" (Regra de Bose § 43).

ferir a sensibilidade de alguma tradição cristã e contém apenas um grande crucifixo sobre o altar, sinal partilhado pelos cristãos das diversas confissões. Hoje somos perto de oitenta monges e monjas de sete países (Itália, Suíça, Luxemburgo, França, Ucrânia, Espanha e Portugal) e temos uma pequena presença em Jerusalém e quatro fraternidades na Itália. Cada membro possui um trabalho: nas oficinas, no horto, no pomar, no estudo, na biblioteca, etc. Porém, a principal actividade - na qual todos participam - é o acolhimento de hóspedes dos cinco continentes (cerca de 25 mil cada ano, entre



etc...
J.C. Fernandes



Jubileu da Misericórdia

No Jubileu da Misericórdia muitas dioceses por esse mundo fora, à imagem da catedral de S. Pedro no Vaticano, abriram igualmente a porta santa para acolher este ano de graça e de perdão. O Cardeal Patriarca, D. Manuel Clemente, presidiu à celebração na Diocese de Lisboa.

